

5. Retalhos de Histórias perdidas: a narrativa dos que voltaram

Na segunda metade do século XX, a crença no progresso e no bem-estar que ele traria sofreu um forte abalo. O ponto nevrálgico, o momento de virada, o fator detonador da perda da esperança no futuro e no progresso que marcaram fortemente o final do século XIX foi a experiência do horror do holocausto. O extermínio em massa, sem precedentes na história da humanidade e a informação do que se passara nos campos de concentração abalaram de forma irreversível a crença otimista no futuro, que já não imprimia uma visão primordialmente solar. Segundo alguns autores, como Andréas Huyssen, se a Belle Époque foi a época de futuros presentes, a segunda metade do século XX é marcada por passados presentes. Nesse contexto, a memória adquire um status de arma de luta e instrumento de justiça. O presente passou a ver-se na obrigação moral e política de visitar o passado com medo de perdê-lo e para acertar contas com ele. O presente é paradoxal, é quase como se não existisse, a rapidez das mudanças o esvazia e a memória torna-se uma forma de ancoragem frente à velocidade do momento presente e também frente ao futuro incerto.

O fato dos dirigentes nazistas terem explodido as câmaras de gás e os fornos crematórios de Auschwitz e de outros campos para apagar os indícios e as provas do massacre, além de evidenciar a tensão entre o lembrar e o esquecer da qual vive e se alimenta a memória, trouxe à tona a importância dos sobreviventes, do testemunho para narrar o inenarrável, para dizer o indizível. O testemunho, no sentido que lhe empresta Heródoto, daquele que viu com os próprios olhos, que viveu uma experiência e por isso pode narrá-la com autoridade, torna-se essencial frente à ausência de indícios, da materialidade de documentos que possam atestar a história terrível vivida nos campos de extermínio. Os sobreviventes do holocausto tornaram-se narradores privilegiados pelo simples fato de que não morreram, e poderiam impedir o silêncio sobre a história daqueles que não estavam mais aqui para contar. Coube a eles a tarefa de reconstruir os rastros apagados.

Segundo Jeanne Marie Gagnebin, as palavras do historiador ajudam a enterrar os mortos e a cavar um túmulo para aqueles que dele foram privados, num trabalho de luto¹⁷⁴. Esse foi também o trabalho dos sobreviventes do holocausto¹⁷⁵, uma vez que assim como o historiador, quem testemunha pode manter viva a história dos mortos, daqueles que ficaram pelo caminho e teriam seus nomes apagados sem a palavra dos que escaparam da morte, do que foi silenciado ou negado, dos perdedores nas lutas da história vivida ou narrada.

Assim como os antigos aedos gregos que cantavam para manter viva a glória e os grandes feitos dos heróis, os sobreviventes do holocausto e de outras guerras contemporâneas, inclusive a de Canudos, são como aedos modernos que narram para que o horror não seja esquecido, na esperança de que o mal não se repita e para estreitar a fronteira entre o vivido e o que foi perpetuado pela história. Narram para construir e reafirmar suas próprias identidades.

Em 5 de outubro de 1897 terminara a resistência dos quatro últimos sertanejos de Belo Monte, Canudos estava completamente destruída, as casas tinham sido queimadas e a elite política, acadêmica e militar se congratulava pela completa destruição da aldeia do Conselheiro. O arraial não se rendera, mesmo diante dos *cinco mil soldados que rugiam raivosamente* diante dos poucos sobreviventes, como assinala Euclides da Cunha em trecho já citado.¹⁷⁶

Nas palavras do presidente Prudente de Moraes, em *Canudos não ficará pedra sobre pedra*.¹⁷⁷ E realmente não ficou. Terminada a guerra, as autoridades militares presentes no palco dos conflitos e as autoridades civis republicanas se preocuparam em apagar qualquer vestígio do arraial. O fim deveria ser exemplar, para que não proliferassem experiências desafiadoras da ordem estabelecida como havia sido Bello Monte. Segundo Aristides Milton, na derrota de Canudos

A preocupação dos generais era não deixar uma parede em meio, uma viga intacta. Quiseram que ali se plantasse a solidão e a morte.¹⁷⁸

¹⁷⁴ Jeanne Marie GAGNEBIN. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, p. 47.

¹⁷⁵ Cf. Idem. *Ibidem*.

¹⁷⁶ Euclides da CUNHA. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. p. 755a 756.

¹⁷⁷ Lélis PIEDADE. *Histórico e Relatório do Comitê Patriótico da Bahia (1897-1901)*. Antônio OLAVO (org.) Salvador: Portfolium, 2002. 2ªed. p.17.

¹⁷⁸ Aristides Augusto MILTON. *A Campanha de Canudos*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1979 APUD. PIEDADE. Op. Cit. p. 17.

Ao final da guerra o cenário era da mais profunda destruição, corpos insepultos, casas incendiadas, igreja bombardeada. Em pé ficou apenas o cruzeiro no meio da praça, erguido pelo Conselheiro em 1893. A grande cruz de madeira havia sido o marco fundador da comunidade de Belo Monte e agora era uma testemunha silenciosa do fim.

O depoimento de um sertanejo sobrevivente, de nome José Travessia, dá uma idéia aproximada do cenário:

Tudo que está ali adiante é um cemitério vivo. Um padre 3 anos depois da luta, dizia que aquilo deveria ser cercado, fechado e colocada uma cruz na porta. Canudos é um verdadeiro cemitério. Cavou dá osso de defunto.¹⁷⁹

Durante algum tempo, para andar por aquelas bandas era mais seguro ter um salvo conduto. Alguns fazendeiros ainda perseguiam jagunços e Lélis Piedade, secretário do Comitê Patriótico da Bahia, assinou vários deles para que as pessoas pudessem circular com certa segurança pelo cenário da guerra.

Com o passar do tempo, aqueles que tinham conseguido escapar durante a guerra começaram a empreender um caminho de volta e a reconstruir Canudos, uma nova Canudos, sem o Conselheiro, sem pregações ao final da tarde, mas com a guerra ainda muito viva na memória, e também marcada no nome de cada lugar da paisagem: Vale da Morte, Vale da Degola. Tudo ao redor ficou conhecido pelos horrores de que foi cenário. Lagoa de Sangue teria sido o local do último grande massacre. As pessoas foram postas em roda ajoelhadas e de cabeça baixa e foram mortas, uma de cada vez, o que formou uma grande poça de sangue. Os moradores de Canudos contam ainda hoje que, quando chove, a água fica avermelhada, porque as pedras ali assumem esta cor e que naquele lugar nunca mais nasceu um matinho sequer.

Por muito tempo, os que para lá voltaram tinham receio de estranhos. A memória dos Canudenses foi assim longamente silenciada e a memória oficial ditou sua versão da guerra enquanto os sobreviventes e seus descendentes permaneceram calados. Temiam infringir a lei do silêncio, norma não escrita pela profilaxia republicana. Somada ao medo, o longo silêncio dos canudenses também

¹⁷⁹ PIEDADE. Op. Cit. p.18.

pode ter tido outra explicação. O Conselheiro e seus seguidores foram, de certa forma, responsabilizados pelo fim trágico de Canudos, seja pelo fanatismo que lhes foi atribuído ou ainda pela resistência diante das tentativas do governo de por fim ao arraial.

As tentativas de uma solução mais breve para o conflito se traduziram em primeiro lugar pelas iniciativas da igreja que enviou em 1895 os frades João Evangelista Monte Marciano e Caetano S. Leo que tentaram, sem sucesso, dissolver a comunidade e, mais tarde, pela ação das primeiras expedições militares. Pollack, em seu trabalho *Memória, Esquecimento e Silêncio* afirma que *o silêncio parece se impor a todos aqueles que querem evitar culpar as vítimas*¹⁸⁰.

Os sobreviventes calaram-se, mas silenciar não é esquecer. Ecléa Bosi no livro *Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos*¹⁸¹ destaca que

A memória das sociedades antigas se apoiava na estabilidade espacial e na confiança em que os seres de nossa convivência não se perderiam, não se afastariam (...) a memória não é oprimida apenas porque lhe foram roubados os suportes materiais (...) mas também porque uma ação, mais daninha e sinistra, sufoca a lembrança: a história oficial celebrativa cujo triunfalismo é a vitória do vencedor a pisotear a tradição dos vencidos.

Em relação a Canudos é possível identificar as duas situações de opressão da memória, a predominância da história oficial, como já foi dito, mas também a destruição dos suportes materiais da memória em Canudos. Bello Monte foi incendiada no final da guerra. Alguns anos depois foi reconstruída por alguns sobreviventes e, em 1968, iniciou-se a construção do açude de Cocorobó como parte do projeto de combate à seca no sertão. Um ano depois, em 1969, as águas cobriram o local da outrora Aldeia Sagrada de Canudos. Para alguns, a construção do açude foi parte de uma tentativa de apagar, pela água, a memória de Canudos depois que o fogo já destruíra boa parte das casas. Quando a estiagem faz as águas do açude baixarem, o que resta das arcadas, da torre da igreja e as ruínas

¹⁸⁰ Michael POLLACK. *Memória, esquecimento e silêncio*. In. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, 1989. n° 3. p 4.

¹⁸¹ Ecléa BOSI. *Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 13ª edição. p 19.

das casas mais resistentes emergem e, com elas, a memória de Canudos ganha concretude.

O que eles queriam mesmo era acabar com os vestígios de Canudos, para que todo aquele museu arqueológico da história de Canudos ficasse submerso nas águas. Para que a história de Canudos só fosse conhecida pelos livros¹⁸², disse José Alôncio, bisneto de Serafim que lutou ao lado de Pageú.

O professor José Calasans divide a historiografia relativa a Canudos em três períodos distintos. O primeiro vai de 1874, época do aparecimento do Conselheiro nos sertões da Bahia, até a primeira edição da obra de Euclides, em 1902. O segundo período é marcado pela força de *Os Sertões. Canudos é um capítulo da biografia de Euclides*¹⁸³. Já o terceiro período inicia-se nos anos 50 e seria aquele que revê a produção e que traz à tona os primeiros depoimentos dos sobreviventes.

Em 1947 Odorico Tavares realizou as primeiras entrevistas com os sobreviventes, que foram publicadas pela revista *O Cruzeiro*, acompanhadas de um belo ensaio fotográfico de Pierre Verger. Ainda segundo Calasans, depois de Euclides, Canudos se tornou conhecida graças ao livro de Rui Facó, de 1964, intitulado *Cangaceiros e Fanáticos*. Apesar dos depoimentos registrados por Odorico Tavares nos anos 40, o medo e o conseqüente silêncio da maioria dos sobreviventes permaneceu até bem pouco tempo. José Alôncio relata que

Até meus 13 anos (1977), eles [seus avós] não passaram a história de Canudos porque ninguém conhecia, ninguém falava. Era negócio meio proibido. Falar de Canudos, falar da guerra, de Conselheiro era contravenção. Pôxa, negócio que Antônio Conselheiro era o pior mal da terra; era considerado comunista, sectário, ou então fanático religioso. E então era proibido falar dele. (...)¹⁸⁴

Maria José, professora de segundo grau em Canudos também sentiu o peso do silêncio:

¹⁸² José Alôncio Apud. José Roberval Freire da SILVA, *Migrantes Canudenses em São Paulo: a memória num contexto de discriminação*. In: <<http://www.portifolium.com.br>>. Acesso em 21 março de. 2006.

¹⁸³ PINHEIRO;VILLA. Op. Cit p 55.

¹⁸⁴ Freire da SILVA. Op. Cit. p.4.

Até 1976, as escolas daqui não falavam sobre a Guerra de Canudos. Eu sabia por causa da minha avó. (...) Existe medo (...) também ficou na memória a idéia de que o Exército poderia retornar e acabar com os que tinham sobrevivido (...) como os mais velhos geralmente são descendentes de refugiados, creio que isso tenha deixado trauma. Muitos preferem silenciar¹⁸⁵.

Ainda segundo Seu João de Régis, filho de sobreviventes, seus pais não falavam muito a respeito do Conselheiro ou da experiência em Belo Monte.

Eles falavam bem dele. Não falavam mais porque naquele tempo ninguém podia falar no Conselheiro, não. Porque tinham medo do coronel José Américo. Ele perseguia muito o povo que gostava de Conselheiro. Era ele e Cícero Dantas, o Barão de Jeremoabo. No Conselheiro não se podia falar, aquilo era calado. Muita gente se escondia com medo desse povo porque eles perseguiram. Mesmo depois não se ouviam contar histórias da guerra. A pessoa mais peituda que tinha era o professor José Calasans. Nos livros o professor Calasans disse que tinha pena, pois tanta gente tinha sobrado do arraial e essas pessoas não se interessavam em conversar sobre a guerra¹⁸⁶.

No entanto, dentro do grupo, em família, as lembranças foram perpetuadas e ganharam corpo. Ecléa Bosi escreveu que *fica o que significa* e os velhos cumpriram a sua função de aedos ao transmitir as lembranças. *A função social do velho é lembrar e aconselhar (...) unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir*¹⁸⁷. A aldeia conselheirista continuou a representar a delimitação de uma fronteira, um pertencimento e as lembranças passadas de geração em geração foram um amálgama que unificou uma comunidade formada por afinidade eletiva e lhe deu identidade. As relações familiares e a transmissão oral garantiram que esta memória sobrevivesse silenciosamente e desse coesão, continuidade e sentido àquelas existências.

Os centenários da guerra e, posteriormente, da publicação de *Os Sertões* abriram espaço para uma grande quantidade de trabalhos e discussões que procuram analisar Canudos por um viés pluralista, e trouxeram à cena um número maior de relatos de sobreviventes, nos mais variados suportes. É um momento em que um novo campo historiográfico já está consolidado com a

¹⁸⁵ Rinaldo FERNANDES (org.) *O clarim e a oração*. São Paulo: Geração Editorial, 2002. p 532.

¹⁸⁶ José Roberval Freire da SILVA, Op. Cit. In: <<http://www.portifolium.com.br>>. Acesso em 21.03.. 2006.

¹⁸⁷ BOSI. Op. Cit. p 18.

popularização da história oral que reconhece a legitimidade do testemunho oral como fonte documental.

Henry Rousso ressalta que, depois dos anos 1970 na Europa Ocidental e após 1989 na Europa do Leste, a historiografia assiste ao crescimento de uma sistemática interrogação sobre o passado nazista e fascista. Este movimento conduziu ao florescimento de análises sobre a importância e o significado da memória. É uma história da memória que é a história das feridas abertas, do passado que não passa, ou seja, dos eventos traumáticos do século como as guerras mundiais, o nazismo, a perseguição de minorias étnicas ou religiosas. Da mesma forma, a história em diálogo com a memória também originou estudos sobre grupos e identidades coletivas tais como o operariado, os judeus, as mulheres ¹⁸⁸.

É neste contexto de novos paradigmas historiográficos e de valorização da interdisciplinaridade que intelectuais de distintas formações tais como cineastas, jornalistas, antropólogos, historiadores, brasileiros e estrangeiros, visitam o sertão da Bahia. Muitos deles buscaram dar voz àqueles que durante tanto tempo se mantiveram à margem dos relatos.

Apesar de que a historiografia, desde os anos 50, tenha procurado empreender uma revisão da produção acadêmica sobre Canudos, para os canudenses a percepção da reconstrução da sua própria história só toma efetivamente novos rumos a partir dos anos 80, com o trabalho de cristãos ligados à Teologia da Libertação e às comunidades eclesiais de base.

A gente começou um trabalho com as comunidades e uma das coisas que a gente observava era que o povo sentia medo de falar de Canudos, da história deles (...). É que eles tinham incorporado a história do lado opressor. Então a gente começou a analisar a história deles, a história do oprimido (...). ¹⁸⁹

A busca de registros da versão dos seguidores de Antonio Conselheiro sobreviventes que ganha corpo nos anos 80 e sobretudo nos anos 90 do século XX, ainda pode localizar alguns antigos moradores da antiga aldeia canudense vivos e lúcidos. Este trabalho de reconstrução da memória e, conseqüentemente,

¹⁸⁸ Henry ROUSSO. *A memória não é mais o que era* In: Marieta de Moraes FERREIRA; Janaina AMADO (orgs). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV 8ª edição, 2006.

¹⁸⁹ DELIRES Apud. Freire da SILVA. Op. Cit. p 3.

da identidade dos homens e mulheres de Canudos permitiu dar voz aos sobreviventes e seus descendentes e também substituir o sinal negativo que pesava sobre a memória de Canudos, o estigma de ter sido um seguidor do Conselheiro, por uma identidade positiva, que deu frutos para além das fronteiras do arraial e da Bahia. Em 1992 os migrantes canudenses em São Paulo criaram a *União Pelos Ideais de Canudos – UPIC*. Segundo seu presidente, *nosso objetivo não é, pois, de reconstituir a história de Canudos, mas perceber como a memória (e o imaginário) transforma este sujeito coletivo, centro de nossa atenção*¹⁹⁰. Os relatos dos participantes indicam que a organização da UPIC¹⁹¹ trouxe não só coesão e identidade ao grupo de migrantes canudenses de São Paulo, mas também possibilitou o encontro, o conhecimento mútuo e o estabelecimento de uma rede de parentesco real e simbólica significativa para o grupo¹⁹².

É através dos relatos desses sobreviventes que tornou-se possível conhecer um pouco mais da história da guerra, do recomeço de vidas após a derrota, dos reencontros de membros de uma mesma família, dos muitos desencontros, daqueles que se perderam, dos que não resistiram e não estão mais aqui para contar. Walter Benjamin afirma que existem dois tipos de narradores *aqueles que vem de fora e narram suas viagens e os que ficam e conhecem sua terra e seus conterrâneos*¹⁹³.

No sertão é muito comum a ausência do uso de sobrenomes para identificar alguém. Ioiô da Professora é assim conhecido por ser filho da professora, João de Régis, é João, filho de Reginaldo, e assim por diante. Alguns desses pais e avós sobreviveram à guerra e em alguns casos voltaram ao local onde, um dia, se ergueu a Tróia de taipa¹⁹⁴ que um dia foi Canudos e continua, ainda hoje, a identificar por sua linhagem os filhos, netos e bisnetos dos guerreiros do Conselheiro.

Tal como na história da viagem de Ulisses de volta a Ítaca, a memória desses aedos sertanejos foi também uma luta contra o esquecimento. Em seus

¹⁹⁰ Freire da SILVA. Op. Cit. p 2.

¹⁹¹ UPIC é sediada em São Paulo. O vice-presidente é João Evangelista Régis. Eles mantém um blog <http://upiccanudos.blogspot.com/>

¹⁹² Cf. Idem. Ibidem.

¹⁹³ Idem. Ibidem p 84.

¹⁹⁴ CUNHA. Op. Cit p 240

palácios da memória¹⁹⁵, por décadas, apenas os familiares e os muito próximos puderam entrar. Dentro deles, guardaram a lembrança de Antonio Conselheiro, dos dias vividos em paz, das batalhas, das mortes testemunhadas, dos dias de sede e fome, das horas de medo, das noites de rezas e de tocaia, do início e do fim de Canudos. Até a chegada do tempo de poder contar sem medo.

Durante décadas os sobreviventes que voltaram e reconstruíram o arruado viveram às margens do Vaza-Barris, cautelosos com estranhos, rezando por seus mortos, trabalhando, revivendo no interior das casas, diante de seus próprios descendentes, um capítulo que os intelectuais e as autoridades impediram que fizesse parte da história oficial do país¹⁹⁶.

Com certeza existiram muito mais sobreviventes do que a historiografia conseguiu registrar, alguns não voltaram para Canudos, outros sequer revelaram sua condição de testemunhas da guerra. Alguns relatos foram recolhidos nos trabalhos de José Calasans, Evandro Teixeira, Marco Antônio Villa, Odorico Tavares, Rinaldo Fernandes e outros que buscaram registrar as lembranças dos velhos conselheiristas e de suas famílias. A certa altura, os personagens e relatos começam a se repetir nos registros de historiadores, jornalistas, cineastas, fotógrafos que se debruçaram sobre o tema. Não importa, pois cumprem o papel de conceder aos que morreram a *bela morte* grega, que permite salvar os feitos e os personagens que deles participaram do esquecimento. A *bela morte* é a morte gloriosa, muitas vezes em batalha, e o esquecimento é a verdadeira morte na perspectiva da Grécia homérica. Para que a glória imorredoura permaneça viva através dos tempos é necessário o aedo sertanejo que canta as glórias e os heróis de outros tempos. É sua voz que conduz a audiência ao passado, para o calor da guerra, para aquele primeiro de julho quando um grupo de onze conselheiristas liderados pelo filho de Macambira investem contra a *matadeira*, um canhão Krupp 32, em uma tentativa desesperada e suicida de acabar com os bombardeios

¹⁹⁵ Em 1596 Matteo Ricci ensinou os chineses a construir palácios da memória. Era um sistema mnemônico, estruturas mentais cujo objetivo era o de oferecer espaço para a armazenagem dos milhares de conceitos que constituem a soma do conhecimento humano. Cf. Jonathan SPENCE. *O Palácio da Memória de Matteo Ricci. A história de uma viagem: da Europa da contra-reforma à Dinastia Ming*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

¹⁹⁶, Luitgarde O. Cavalcanti BARROS. *Crença e parentesco na guerra de Canudo* In: E. Diatahy B. de MENEZES e João ARRUDA (orgs). *Canudos as falas e os olhares*. Fortaleza: UFC, 1995.p80

contra Bello Monte. Para que assim, os mortos sobrevivam na memória dos homens através dos tempos¹⁹⁷.

5.1. Aedos Sertanejos

Para contar aqui a história de alguns desses personagens que sobreviveram utilizei fundamentalmente o trabalho de Odorico Tavares intitulado *Canudos 50 anos depois*, como também compilações sobre a memória dos antigos moradores da Aldeia de Bello Monte. Entre elas destaco a de Evandro Teixeira *Canudos 100 anos*, o artigo da Professora Luitgarde Cavalcanti Barros chamado *Crença e parentesco na guerra de Canudos*, ou ainda o livro organizado por Rinaldo de Fernandes. *O Clarim e a oração. Cem anos de Os Sertões*. De modo geral, as histórias se repetem e os personagens são basicamente os mesmos nas obras que buscam mapear os sobreviventes. Aqui elegi algumas histórias de vida que ainda que já contadas e recontadas são significativas a partir do momento que são as memórias desses aedos-sertanejos que nos permitiram saber como foram os dias de paz e de guerra em Bello Monte.

Maria Avelina da Silva durante a guerra procurou moradia na fazenda Porto de Cima. Com o fim do arraial mudou-se novamente para uma fazenda mais afastada, a fazenda Corobó. Tempos mais tarde, com as primeiras casas refeitas em Canudos, voltou para o lugar que um dia foi a aldeia sagrada. Mas sempre se manteve reservada quanto a compartilhar suas lembranças, e costumava afirmar que não adiantava ficar mexendo nas coisas passadas.¹⁹⁸

Francisca Guilhermina dos Santos tinha 15 anos na época da quarta expedição militar. Conseguiu sair pela última estrada a ser fechada, a que levava a Uauá, e buscou abrigo na fazenda Lagoa-Marí.¹⁹⁹

José da Travessia tinha uns doze anos no ano da quarta expedição. Quando os combates se tornaram mais intensos, fugiu e ficou escondido no mato. Alimentava-se de gravatá e dormia ao relento. O pai morreu lutando ao lado de

¹⁹⁷ Cf. Jean-Pierre VERNANT. *A bela Morte e o cadáver ultrajado*. In: Revista Discurso. São Paulo, 1979, nº 9.

¹⁹⁸ Cf. Odorico TAVARES. *Canudos 50 anos depois*. Salvador: Conselho Estadual de Cultura / Academia de Letras da Bahia / Fundação Cultural do Estado das Bahia, 1993.

¹⁹⁹ Cf. Idem. *Ibidem*.

João Abade. Ao final da guerra voltou, mas não encontrou mais nada, a não ser cadáveres insepultos que apodreciam. Em sua opinião, foi um erro ter-se reconstruído o arraial no mesmo lugar.²⁰⁰

Manoel Ciríaco saiu após ter a confirmação da morte do Conselheiro. Escapou no dia 26 de setembro com parentes seus. Foi nesta mesma fuga que Vila Nova também deixou Bello Monte. Após a guerra, voltou a Canudos.²⁰¹

Era um horror, era de fazer medo. A podridão fedia a léguas. (...) ninguém ficou enterrado. Foi quando Ângelo Reis, por sua própria caridade, trouxe uns homens e enterrou ali mesmo a jagunçada morta. (...) Acabou-se Canudos e durante uns dez anos, só se vinha aqui de passagem. Casa nenhuma até 1909. E o pessoal que se salvou morava pelas fazendas²⁰².

Maria Guilhermina de Jesus nasceu em Canudos e lá permaneceu durante toda a guerra.

No derradeiro combate, uma peça estourou dentro de casa e um estilhaço feriu-me no pescoço. O tratador do Conselheiro fez os curativos; depois de quatro dias de cama, consegui fugir para Simão Dias, onde fiquei por lá uns dez anos. (...) Fugi pela estrada de Uauá. Nos últimos dias, a gente bem ouvia os soldados gritarem que quem não quiser morrer que saia pela estrada do Uauá que está aberta. Nós saímos, pois além de estar ferida, soube que o Bom Jesus havia morrido. Não havia mais esperança²⁰³.

Zefa de Mamede, neta de José Ciríaco e sobrinha de Manuel Ciríaco, conta o que ouviu da família, porque ela mesma não viveu a guerra. Mas contou o que seus pais e parentes lembravam e que tantas vezes deve ter ouvido desde menina.

Com três dias que mataram o Conselheiro, meus pais saíram de Canudos e viram os soldados chegando por Uauá. Minha avó eles já tinham morto a bala. Minha mãe estava há 3 semanas de parida e há quatro dias sem ter o que comer. Minha avó foi procurar comida para minha mãe e quando virou uma esquina veio um disparo do alto do Mário. Morreram 18 pessoas com a peça do canhão. A bala pegou minha avó bem no peito. A mãe Mamédia perdeu o menino que havia nascido durante a guerra, morreu no mato durante a fuga da família. Ela tinha 20 anos e teve 14 filhos no total. Fugiram a mãe, o pai e o avô. (...) Minha mãe contava que os soldados tomaram o rio, ninguém podia beber água. Quem tinha dinheiro levava pros soldados, pagava para beber um golinho. Eles pegavam o dinheiro e depois matavam o dono. As mulheres urinavam na mão para dar de

²⁰⁰ Cf. Idem Ibidem.

²⁰¹ Cf. Idem. Ibidem

²⁰² Idem. Ibidem .p 40.

²⁰³ Idem. Ibidem. p49-50.

beber para os filhos. Dona Zefa conclui: Morreu foi menino. Uma incredulidade. (...) Durante três anos meus pais ficaram rodando pela caatinga (...) faziam um serviço aqui ganhavam um pedaço de boi e iam embora. Andavam pelo meio do mato, não pegavam estrada. Tinham medo. (...) mamãe ficou cinco anos para voltar pra lá.

A maioria desses homens e mulheres viveu em Canudos até a construção do açude em 1968, quando uma terceira Canudos foi erguida há apenas alguns quilômetros dali. Alguns se recusaram a abandonar suas casas mesmo quando a água já entrava nelas. Dona Salu, irmã de dona Zefinha que foi a guardiã do cruzeiro do Conselheiro por toda a vida, lembra com profunda tristeza daquele dia 3 de janeiro de 1969:

Não acreditava que ia encher. Não acreditava que iam acabar com tudo. Saí com água na porta. (...) até hoje vivo a base de remédio. Essa tristeza não acaba. Perdi a casa que era da minha mãe, perdi horta, criatório tudo, indenizaram com uma mixaria de três contos de réis²⁰⁴.

Dona Zefinha conta ainda sobre Dona Menininha, uma velha cega. Ficou ilhada pela água e chorava como criança quando Canudos submergiu.

Odorico Tavares e Evandro Teixeira ainda puderam recolher esses fragmentos de memória dos que viveram a guerra ou guardaram as histórias que ouviram em primeira mão. Alguns deles, como os irmãos mais velhos de Zefa Mamede que tiveram mais sorte que o recém nascido que *morreu no mato* com 3 semanas de vida, como Francisca Guilhermina dos Santos ou como José da Travessia foram um dia crianças do sertão, jaguncinhos da guerra de Canudos, e mesmo que suas palavras cheguem indiretamente a essa tese, elas ecoam as vozes que nunca serão ouvidas de tantos meninos e meninas que assistiram à carnificina, para quem suas mães *urinavam na mão para dar de beber para os filhos* ou cujos rostos ficaram para sempre registrados nas fotos de Flávio de Barros. Porque na guerra de Canudos *morreu foi menino*, como lembra uma menina que não viveu a guerra.

São essas vozes de crianças, ou de seus pais e avós, que resistiram ao tempo do silêncio imposto, às águas do Cocorobó que submergiram o que restou

²⁰⁴ Evandro TEIXEIRA. *Canudos 100 anos*. Rio de Janeiro: Editora Textual, 1997. p 88.

de Canudos depois do fogo ou à *peça de canhão* que matou a mãe de Mamédia e que formam o coro dos aedos dessa tragédia sertaneja.

5.2. Reencontros em meio a tantos desencontros

Zefa da Guerra era nascida em uma região próxima ao que um dia viria a ser Canudos. Órfã de mãe, ela e as duas irmãs, Filirmina e Luiza, foram criadas por uma tia. Casada, foi viver com o marido e com as filhas Joana e Maria em Emburana, localidade a uma légua de Canudos. Um dia seu compadre Macambira veio convidar para que ela fosse com a família ver o Conselheiro que passava por Chorrochó para ali fazer um *ofício de madrugada*, ou seja, iria rezar a madrugada toda. Zefa compareceu à reza e gostou, por isso pediu ao compadre para que quando o Conselheiro passasse por ali de novo avisasse novamente para que ela e sua família fossem ouvi-lo. Passado um tempo que não é possível precisar, chegou a notícia de que o Conselheiro iria construir uma igreja em uma fazenda abandonada perto dali. Era o início de Bello Monte. Josefa e seu marido Manoel, que era viajante e comerciante, venderam tudo o que tinham e foram com as filhas viver em Canudos. Zefa esteve do princípio ao fim da Guerra no arraial. Um dia o marido saiu em direção à Várzea da Ema para tentar buscar alimento. Quando voltou, o exército já havia fechado todas as estradas que levavam a Canudos, e já não era possível entrar ou sair.

Zefa e as filhas foram levadas para Salvador e amparadas pelo Comitê Patriótico da Bahia e, durante muito tempo, insistiram com Lélis Piedade para retornar a Canudos, pois a mulher sabia que o marido não havia voltado com a comida e que deveria estar vivo, tinha esta certeza apesar da insistência de Lélis para que não voltasse, pois ele também poderia ter morrido pelas estradas. Mas Zefa insistiu e, ao voltar, reencontrou o marido vivo, assim como sua filha Joana também reencontrou o marido Reginaldo José e foram viver na localidade de Umburanas, próxima ao local onde o corpo de Moreira César foi abandonado. O verdadeiro nome de Zefa da Guerra é Maria Quitéria e, segundo consta, foi a primeira moradora a construir casa em Bello Monte. Seu bisneto, João Evangelista Regis, neto de Joana e Reginaldo José, é hoje um membro atuante da

UPIC em São Paulo. João Evangelista Régis diz que os avós morreram com quase cem anos de idade e contavam para os filhos e os netos as histórias vividas na guerra. Um dos filhos do casal, Seu João de Régis, deu várias entrevistas sobre a guerra para José Calasans, e foi eternizado nas fotografias de Evandro Teixeira assim como nos escritos de vários historiadores²⁰⁵.

Assim, como Zefa da Guerra, outra moça, conhecida como Maria do compadre João de Sousa, foi levada para Salvador com um grupo de prisioneiros. Segundo relatos, Luís Viana, não sabendo mais o que fazer com tantos feridos e sobreviventes que viviam pelas calçadas da cidade, deu ordem que quem quisesse podia levar os meninos e as mulheres que servissem para o trabalho. Maria foi escolhida por um homem de nome Napoleão e levada para Olinda. Durante um ano ela pediu para voltar para Canudos porque tinha certeza que o marido estava vivo. A esposa de Napoleão, com pena, intercedeu junto ao marido para que mandasse Maria de volta à Bahia. Maria foi assim encaminhada para a casa do Dr. Aprígio Duarte em Juazeiro, vilarejo situado à margem direita do Rio São Francisco, no extremo norte da Bahia e divisa com Pernambuco, com uma carta na qual Napoleão pedia que o amigo encaminhasse Maria para Canudos. Aprígio esperou que seu conterrâneo Manoel Cirilo, um vendedor ambulante, tivesse uma entrega a fazer para aqueles lados e pediu que levasse a moça.

No caminho Maria contou sua história, Manoel Cirilo descobriu que conhecera o marido da moça em suas andanças pelo sertão e deu à esperançosa mulher a notícia que ele estava vivo. Ao chegar a Canudos, Manoel Cirilo escondeu Maria e foi bater, já de noite, na porta da casa de João de Sousa. Chamou João, pegou-o pela mão e o levou até Maria, e marido e mulher separados pela guerra se abraçaram. Foi então que Manoel disse: *foi bom você ter vindo Maria, porque não queria me apartar de você*²⁰⁶. João àquela altura pretendia casar-se com outra, mas mandou logo correr a notícia de que a mulher havia aparecido, trazida de Juazeiro por um tropeiro e assim despachou, segundo suas palavras, as candidatas.

²⁰⁵ Cf. Luitgarde O. Cavalcanti BARROS. *Crença e parentesco na guerra de Canudos*. In: E. Diatahy B. de MENEZES e João ARRUDA (org). *Canudos, as falas e os olhares*. Fortaleza: Editora UFC, 1995.

²⁰⁶ Rinaldo de FERNANDES. *O Clarim e a oração. Cem anos de Os Sertões*. São Paulo: Geração Editorial, 2002 p 482.

Para sorte de Maria e João e para azar de Manoel Cirilo e da futura noiva de João, a história rocambolesca que, em meio a tantas desgraças, faz aparecer um Napoleão aparentemente sem vocação de conquistador, sua mulher anônima e de bom coração, um Dr. Aprígio Duarte de boa vontade, e um extraordinário Manoel Cirilo, teve um final feliz depois de muitas andanças pela Bahia e por Pernambuco.

A história de Zefa da Guerra e de suas filhas Joana e Maria, cujas relações de parentesco de sangue e de parentesco simbólico podem ser retraçada, como a de poucos canudenses, mostra como as lembranças de guerra daquela que passa por ter sido uma das primeiras moradoras de Canudos foram transmitidas com muitos detalhes até seu bisneto João Evangelista Regis. Não há pistas sobre os possíveis filhos da determinada Maria e de seu marido João, mas se existiram, certamente ouviram de seus pais as histórias da guerra que separou seus pais e de seu improvável reencontro por obra e graça de Manoel Cirilo.

São retalhos de memórias no quebra cabeças dos relatos daqueles que viveram para voltar ao sertão baiano, lá ficarem ou migrarem para São Paulo em busca de outra terra prometida, e contarem suas histórias. Quantos, adultos ou crianças, não terão vivido para contá-las?

5.3.

Os que não ficaram para contar: Romeu e Julieta no sertão

Aqueles que não viveram para contar são muitos. O número aproximado de mortes é de vinte e cinco mil pessoas, entre elas mulheres, crianças e soldados. Quase todos os conselheiristas foram mortos depois de presos. Mesmo entre os poucos sobreviventes prisioneiros, mulheres, crianças, velhos e feridos, muitos não terão aguentado a fome, a sede, as doenças ou a longa caminhada da retirada. Zefa da Guerra foi incentivadora das mulheres na longa marcha imposta pelo exército ao final da guerra. Na velhice contava à família que presenciou muita gente atirar-se ao fogo para não ter que dar um viva à República²⁰⁷, e viu a sogra e a cunhada morrerem de sede e fome durante a caminhada de Canudos até Alagoinha depois da destruição do arraial. Segundo Zefa, o sol ardia e “*caía gente*

²⁰⁷ BARROS. Op. Cit. 80

*como mosca, mas os soldados não deixavam o povo nem ajudar com uma reza na hora da morte os que iam arriando à beira da estrada, sem nem direito a enterro. Era como bicho*²⁰⁸. Segundo seu relato, cerca de 60 por cento das prisioneiras morreram na marcha forçada, de fome, sede, epidemias ou maus tratos, e seus corpos insepultos ficaram pelo caminho.

São muitas as histórias de vida que se perderam, muitos os rostos sem nomes, muitos que ficaram só na lembrança dos seus. No entanto, algumas histórias escaparam do anonimato e podem ser contadas como é o caso da história de um amor improvável entre um soldado do exército e uma moça conselheirista, contada pelo próprio general Dantas Barreto, comandante da terceira brigada, em seu livro sobre a guerra, uma história de enredo trágico no melhor estilo shakespeariano.

Em julho de 1897 correu pelo acampamento dos soldados a notícia de que entre os prisioneiros chamava atenção a beleza de uma jovem de 19 anos. Os soldados saíam de suas barracas para vê-la. Chamava-se Germana e tinha ido morar com os pais em Canudos, os dois haviam morrido em combate e ela e um irmão pequeno foram feitos prisioneiros. O oficial Alberto ao ouvir sobre a beleza da moça ficou cismado que só podia se tratar de seu amor de infância e mocidade. Ainda de noite, Alberto seguiu para o quartel general da primeira coluna. Lá, meia-hora depois, conseguiu uma autorização para seguir até o sítio dos prisioneiros, mas só poderia fazê-lo na manhã do dia seguinte. À noite era proibido entrar naquela área. A madrugada foi de combates com fogo por todos os lados e feridos que seguiam para o hospital de sangue.

Alberto aguardou ansioso a chegada da manhã e finalmente seguiu para o lugar onde encontravam-se os prisioneiros. Segundo disse mais tarde, era um verdadeiro formigueiro humano, onde uns agonizavam, as feridas gangrenavam, e por toda parte gemidos, lamentos e invocações aos céus se misturavam. Em meio ao caos, Alberto confirmou suas suspeitas. Era realmente Germana, sua companheira de meninice, seu amor de adolescência a prisioneira bela. Eles se reconheceram e Alberto foi falar com ela. Soube então que os pais da moça haviam morrido no último ataque e apenas ela e seu irmãozinho de oito anos, Vicente, tinham sobrevivido. Germana chorava ao narrar os infortúnios que vivera

²⁰⁸ Idem. Ibidem p.80.

nos últimos tempos e Alberto prometeu que não a abandonaria novamente. No mesmo dia, Germana e o irmão foram retirados do vale dos prisioneiros e entregues aos cuidados da mulher de um sargento. À noite, Alberto estava de serviço em sua posição e confidenciou a um amigo que pretendia seguir no primeiro comboio que se dirigisse a Monte Santo para casar-se com Germana e deixá-la na casa de um amigo antes de voltar para o campo de Batalha em Canudos. O amigo ainda sugeriu que não havia necessidade de casamento, se ele gostava da moça, bastava fazê-la sua amante, uma vez que se tratava de uma prisioneira. Alberto ofendeu-se e afirmou que não teria coragem de aproveitar-se da desgraça de moça. O diálogo foi interrompido por um forte tiroteio, aquele no qual os conselheiristas perderam o famoso Pajeú.

Na noite seguinte Alberto procurou Germana e conversaram sobre o que havia acontecido a cada um desde a última vez em que se viram antes da guerra. A moça contou então que ela e a família haviam deixado Monte Santo, onde se conheceram, pois seu pai foi trabalhar nas terras de Manoel Gato em Laje Grande, em Pernambuco. Mas a seca tinha sido grande, as lavouras não prosperaram e começaram a passar fome.

Falava-se então de Bello Monte como uma espécie de terra prometida onde todos podiam achar abrigo e provisões. Um dia, a família encontrou Antonio Villa-Nova, comerciante próspero em Canudos, que fazia compras em Pernambuco. Villa-Nova confirmou os prodígios da aldeia do Conselheiro e seus pais decidiram acompanhar Villa-Nova com toda a família e partir para Canudos. Lá chegados, seu pai começou a plantar e a ter bons resultados na colheita, ela criou um colégio para ensinar as primeiras letras às crianças do povoado que era bastante frequentado e a família viveu em relativa abundância até a guerra. Depois da expedição de Moreira César tentaram fugir para a cidade de Cumbre, mas Villa-Nova assegurou que poderiam ficar pois as forças do governo não voltariam. Mas elas voltaram e seu pai morreu de arma em punho no último combate, pouco depois de sua mãe ter também morrido na luta. Ela e o irmão pequeno foram encontrados pelos soldados ao lado dos cadáveres dos pais.

A moça frisou ainda que nunca havia esquecido Alberto, mas não tinha mais esperanças de reencontrá-lo desde que ele deixara Monte Santo para alistar-se no exército. Ela achava que ele se esqueceria daquela namorada sertaneja de

sua infância. Alberto comovido contou à amada que partiriam no primeiro comboio para Monte Santo, onde se casariam. De lá, ele voltaria para o campo de batalha e ela ficaria na casa de seu amigo Caldas. Quando a guerra terminasse iriam viver no Rio de Janeiro. Ainda faziam planos quando o corneteiro do quartel general deu o toque de recolher. Alberto despediu-se e voltou para seu posto.

Três dias depois, Alberto, Germana e o pequeno Vicente esperavam a saída do comboio que partia do acampamento da Favela. O calor era grande e vários soldados começaram a arriar as macas que transportavam os soldados feridos e a parar para descansar. O comboio começou assim a se desfazer, ao deixar espaços de quilômetros ente um grupo e outro. Os que ficavam em um desses intervalos do comboio, estavam entregues à própria sorte.

A história de Alberto e Germana já havia corrido os acampamentos. Dois jovens que o destino pusera em trincheiras opostas na guerra, e que a sorte uniu novamente. Os dois amantes e o pequeno Vicente acabaram por se destacar do grupo na longa marcha forçada pela estrada. Foi quando tiros romperam o silêncio da marcha na caatinga. Eles ainda tentaram correr em direção ao batalhão que havia ficado para trás, mas Alberto foi atingido por um tiro e caiu. Germana ajoelhou-se ao seu lado, mas ele não atendia aos seus chamados. Cinco homens saíram do mato, provavelmente salteadores que atacavam os comboios pelos caminhos e, ao concluírem que o soldado estava morto, agarraram a moça e a arrastaram para o mato.

Neste ponto da narrativa, Dantas Barreto afirma que seguiu-se uma cena horrorosa que não é descrita, mas cujo enredo não é difícil de imaginar. Germana era jovem e bonita, e não eram muitas as mulheres com tais atributos pelos caminhos daquele sertão em guerra disponíveis para o prazer dos assaltantes de comboios militares. Dantas Barreto diz apenas que a ex professora das crianças de Canudos acabou assassinada com um punhal no coração.

Quando o batalhão passou, os corpos dos dois jovens estavam à beira da estrada. Na frente do primeiro pelotão vinha o pequeno Vicente, o único dos três que conseguira escapar e alcançar o comboio²⁰⁹.

²⁰⁹ Cf. Dantas BARRETO. *Acidentes da Guerra*. Recife: Livraria Econômica, 1914.

Qual terá sido o destino do menino Vicente? Na lista de crianças socorridas pelo Comitê Patriótico da Bahia consta um único menino de nome Vicente com oito anos de idade, que seria filho de Antônio e Domingas Flores, natural de Natuba na Paraíba e que ficou sob os cuidados do alferes Dionysio Bueno de Almeida²¹⁰. Seria esse o Vicente irmão de Germana? Não há como saber. Ao contar a história desse Romeu e dessa Julieta dos sertões, Dantas Barreto não informa o nome dos pais da moça.

5.4.

Butins de Guerra: os muitos destinos que se perderam

Como ficou assinalado, as crianças que sobreviveram à guerra de Canudos foram distribuídas aleatoriamente, apropriadas, roubadas, divididas, negociadas, vendidas, destituídas de si mesmas e tratadas como saque de guerra, como uma herança incômoda. Também foram um desafio. Era preciso provar que o progresso e a ordem republicanos eram capazes de transformar os filhos da desordem e da barbárie em cidadãos civilizados. Sabemos pouco, muito pouco sobre elas, aqui e ali ainda existem indícios de outros destinos que não foi possível retrair. Muitos levaram seus jaguncinhos. Entre eles o jornalista Fávila Nunes.

Fávila Nunes era natural de Bagé, nasceu em 9 de abril de 1854 e entrou cedo para o exército, ainda menor de idade, tendo participado da guerra do Paraguai. Seu pai foi alferes da Guarda Nacional. Fávila serviu no 5º regimento de cavalaria e no 1º Regimento de Arma. Pediu baixa em 1878 e, depois disso, dedicou-se ao jornalismo e escreveu para vários jornais do Rio de Janeiro.

O jornal *O País* assinala seu desembarque no Rio de Janeiro após o regresso como correspondente de guerra em Canudos “*Ao lado de sua esposa e filhos, radiantes de alegria por tê-lo junto a si, vimos duas crianças alvas e simpáticas. São dois jaguncinhos que o nosso colega trouxe e incorporou à sua família.*”

Fávila Nunes trouxera consigo duas crianças que haviam sobrevivido ao massacre, e o jornal não perde a ocasião de esclarecer que, além de *simpáticas*,

²¹⁰ PIEDADE. Op. Cit p 225.

eram *alvas*. Eram meninas, chamavam-se Josefa e Honória e eram irmãs²¹¹. E assim se refere a elas o repórter em um de seus textos

Enquanto reunia a minha tropa, um animal com cargas de barracas e alguns víveres para a viagem, outro com uma jaguncinha montada e meu camarada, que tangia os animais de pé, trazendo eu ao colo outra jaguncinha menor, olhei em redor de mim.²¹²

Fávila havia embarcado para Canudos no dia 17 de julho de 1897 como correspondente da *Gazeta de Notícias*. Era um florianista exaltado e ganhou o posto de coronel honorário da república por sua participação na revolta da armada. Não perdia oportunidades para elogiar os militares em suas reportagens. Na volta da guerra, desembarcou no Rio de Janeiro em 6 de novembro de 1897 com uma medalha com a efígie do Marechal Floriano.

No dia 2 de janeiro de 1898 a *Gazeta de Notícias* publicou uma carta sua em que desmentia ter sido Canudos um reduto monárquico. Pretendeu escrever um livro em fascículos, com apoio financeiro dos assinantes do jornal. Cada fascículo foi vendido a dez mil réis. Arthur Oscar e outros soldados que haviam lutado no sertão constavam entre os assinantes. O projeto do livro aparentemente não foi concluído e, pelo que consta, só três fascículos foram publicados. Em 1903, aos 49 anos, o jornalista estava gravemente enfermo e um de seus filhos requereu sua inclusão no rol dos beneficiados pelo asilo dos inválidos de guerra. Sofria de arteriosclerose generalizada. Era chefe de uma família numerosa e não dispunha de recursos para manter-se.

Além das crianças, Fávila trouxe de Canudos uma espécie de coleção sertaneja da qual constavam objetos, animais e plantas encontrados no cenário da guerra tais como um crucifixo de metal; amostras de plantas como a favela, o mandacaru, o xique-xique, a palmatória; raiz de umbu; um caititu, porco do mato do sertão e cartas dos jagunços que chegou a publicar nos fascículos do livro inacabado. Em 23 de janeiro de 1898 anunciou o porco no jornal

²¹¹ Cf. José CALASANS. *Fávila Nunes, Repórter em Canudos*. In: Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. n° 90, 1992.

²¹² Idem. *Ibidem*. p 46.

Canudos. Vende-se um bonito caititu apanhado em Canudos, atrás da igreja nova, onde foi criado. É muito manso e dá pelo nome de jagunço e tão limpo que dorme até com crianças e acompanha qualquer pessoa como um cachorrinho. Para ver e tratar no Boulevard 28 de setembro 75 – Vila Isabel. Também se vende uma coleção de espinhos de Canudos sendo: cabeça de frade, xique-xique, rabo de raposa, favela, etc²¹³....

Não se sabe se o porco do mato encontrou comprador, assim como nada se sabe sobre o destino de Honória e de Josefa as meninas *alvas e simpáticas* que, junto com o caititu, o repórter trouxera do sertão em guerra.

Lélis Piedade, o secretário do Comitê Patriótico da Bahia que pessoalmente liderou a cruzada para resgatar as crianças que haviam sido distribuídas indevidamente, acolheu em sua casa nada menos que as filhas de Macambira, um dos personagens famosos da guerra.

Antes da fundação do arraial conselheirista existiam duas famílias de destaque na região, os Mota e os Macambira. O chefe da segunda família era Joaquim Macambira, agricultor e comerciante. Morava em sua fazenda por ocasião da chegada do Conselheiro à região, mas algum tempo depois mudou-se com a família para o arraial, além de influenciar na adesão da família de Seu João de Régis ao Conselheiro pela força da sua crença nos ideais do beato. Em Bello Monte, Macambira tornou-se um importante comerciante, pois desfrutava de boas relações com o comércio das localidades vizinhas. Era amigo do Coronel João Evangelista de Melo, comerciante em Juazeiro, a quem encomendou a madeira para a construção da Igreja Nova, episódio que serviu de pretexto para o início da guerra. Segundo Euclides da Cunha, Macambira era um *homem de coração mole*²¹⁴, mas para o Professor Calasans, o julgamento do escritor foi apressado. Pelo que apurou, Joaquim Macambira era um homem de bem, comerciante acreditado e merecedor de elogios por ter acolhido os filhos de seu amigo Mota por ocasião de uma chacina que vitimou os membros de sua família²¹⁵. Macambira perdeu na guerra um de seus filhos, Joaquim Macambira Filho, que no dia 11 de julho de 1897 morreu quando liderava um grupo de 11 guerrilheiros que tentou tomar a famosa *matadeira*.

²¹³ Idem.Ibidem. p 46.

²¹⁴ . José. CALASANS. *Quase biografia de jagunços. O séquito de Antônio Conselheiro*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1986. p61.

²¹⁵ Cf. Idem.Ibidem.

Duas filhas de Macambira foram levadas no final da guerra para Salvador pelo batalhão de Dantas Barreto e acabaram acolhidas por Lélis Piedade, conforme informa carta publicada no *Jornal da Bahia* pelo próprio secretário do Comitê:

(...)comunico-vos que recebi ontem as menores Teresa Macambyra de 14 anos e Valeriana Macambyra de 11 anos, filhas do chefe conselheirista Macambyra e que por intermédio do Dr. Sebrão me foram enviadas pelo coronel Dantas Barreto. Recolhi-as a casa de minha família. A menor tem ainda os 3 ferimentos de bala.

(...) Disseram essas menores terem um irmão de 12 anos de idade, chamado Paulo, entregue aqui a pessoa cujo nome ignoram. Que uma outra irmã de nome Maria Francisca de 10 anos de idade, ficou em Queimadas doente de varíola. Que o irmão de 3 anos de nome Antônio, não podendo acompanhar a marcha dos soldados, foi por um destes abandonado na estrada, fato idêntico a muitos que vi e que me forram narrados.

(... As) infelizes meninas estão desprovidas de roupa, pelo que peço ao Comitê de auxiliá-las, menos quanto à alimentação, porque na minha mesa de pobre que sou, há lugar ainda para as 2 infelizes.

Grato sempre a honrosa confiança e estima com que me distinguis me assino vosso colega e amigo – Lélis²¹⁶.

Em janeiro do ano seguinte, o jornal dá notícias sobre o destino das meninas:

(...) A menor Valeriana Macambyra não quis absolutamente seguir viagem declarando querer ficar na capital para se educar, no que seu irmão e seu tio concordaram.

(...)Essa menor continua em casa do secretário do Comitê Sr. Lélis Piedade²¹⁷.

Sabe-se que Maria Francisca também foi para a casa de Lélis provavelmente depois de recuperada da varíola. O que parece, Teresa e Francisca voltaram para a região de Canudos. Maria Francisca foi entrevistada por Calasans e morreu na segunda Canudos, já velha. Quando Calasans foi entrevistá-la sobre a guerra, ela fez questão de perguntar por Lélis Piedade e saber se ele ainda vivia, demonstrando grande gratidão por ele. O destino de Valeriana, não é conhecido. Não se sabe se realmente permaneceu em Salvador para estudar, ou se acabou

²¹⁶ *Jornal da Bahia* de 7 de novembro de 1897.

²¹⁷ *Jornal de Notícias* de fevereiro de 1898.

juntando-se ao que restou de sua família. Lélis morreu em 1908, dez anos depois de publicado seu apelo no *Jornal da Bahia*.

O ramo da família de Maria Francisca permanece até hoje em Canudos. Em 2010 localizei dois de seus descendentes, um rapaz de 16 anos de idade de nome Emerson Macambira, tataraneto de Joaquim Macambira e bisneto de Francisca e, ainda, uma senhora nascida em Canudos que era professora e lecionava no ensino superior em Aracajú e mantém um blog na Internet com textos seus e fragmentos da história de sua família.

O destino dos filhos de Macambira não deixa de ser um resumo da saga das crianças de Canudos. Antonio, o caçula foi abandonado aos 3 anos à beira de uma estrada do sertão e dele nunca mais ninguém ouviu falar. O mais velho, que herdara o nome do pai Joaquim, morreu como um homem ao comandar um assalto suicida ao canhão que dizimava os guerreiros de seu pai. Maria Francisca, de 10 anos, foi vítima da varíola que assolou os sobreviventes depois de terminada a guerra, mas sobreviveu, voltou a Canudos e teve uma descendência numerosa. Paulo, de 12 anos, foi recolhido por uma família de nome desconhecido em Salvador. Valeriana, a menina que chegou a Salvador com três ferimentos de bala no corpo, foi acolhida por Lélis Piedade como sua irmã 3 anos mais velha, mas, ao contrário desta, negou-se a fazer o caminho de volta com o tio: quis ficar *na capital para se educar* e permaneceu em casa do Secretário do Comitê Patriótico.

Há ainda fragmentos de notícias, pistas incompletas aqui e ali sobre o destino de outros jaguncinhos. O tenente Aristides Rodrigues Vaz dá detalhes sobre uma delas, Maria, ao escrever ao Barão de Jeremoabo em resposta à pergunta sobre o paradeiro de uma criança que o Barão tentava localizar, e descreve a menina que *foi por ele pessoalmente escolhida entre as prisioneiras* ao final da guerra.

Exmo. Sr. Barão de Jeremoabo,

Não se acha em meu poder amenina que V. Exma. reclama (...) a menina que tenho em minha companhia, de nome Maria, tem oito anos aproximadamente, pois ainda muda os dentes; é parda clara com cabelos anelados, é filha de José Luís e Josefa, com este casada em segundas núpcias e residentes na beira do rio, na Vila de Tucano, aquele morto nesta vila há alguns anos e esta em Canudos, onde se achava ultimamente, não tem outros ascendentes senão duas tias de nomes Canuta e Arcângela; tem dois irmãos menores de nomes Basílio e Bernardino filhos do primeiro matrimônio de sua mãe e cujo destino é ignorado; foi por mim pessoalmente escolhida em Canudos no dia 03 de outubro do ano passado entre as prisioneiras²¹⁸.

Maria ainda tinha 8 anos e dentes de leite, mas soube muito bem contar a história de sua família, já que dificilmente o tenente Vaz teria outra fonte de informação que lhe permitisse dar ao Barão o nome dos pais da menina, das tias sobreviventes e de seus irmãos menores de idade, que a menina, aparentemente, sabia não serem filhos de seu pai.

No mesmo dia em que o tenente Vaz escolheu sua jaguncinha entre os prisioneiros, Antônio Beatinho foi degolado à luz do dia depois do anúncio da rendição e da entrega às tropas legalistas dos 400 prisioneiros que forma mortos, apesar da garantia dada na véspera pelo Comandante das operações. Qual teria sido o destino da menina Maria na casa do tenente Vaz? Não há notícias.

O repórter Fávila Nunes em uma de suas cartas, após narrar que pegara para si uma menina, afirmou que o próprio General Artur Oscar também selecionara para si uma criança e afirmou ainda que pegar os órfãos era comum naqueles dias

O General Artur Oscar, que sabe aliar à bravura denodada de soldado um belo coração de pai, dá gostosamente estas crianças a quem as possa tratar, e por isso eu levarei a minha pobre Josefa. Quase todos os oficiais já têm uma desgraçadinha destas para proteger, o que se faz com carinho e dedicação. Até o General Artur tem uma, e o General Barbosa duas protegidas.²¹⁹

O que aconteceu a Josefa, ao protegido ou protegida de Artur Oscar e do General Barbosa? Mais uma pergunta sem resposta.

²¹⁸ Consuelo Novais SAMPAIO (org). *Cartas para o Barão*. São Paulo: EDUSP, 1999. p 226.

²¹⁹ APUD Walnice Nogueira. *No calor da hora*. São Paulo: Ática, 1994. p.116.

Adolfo Viana, estudante de medicina que ajudava no socorro aos feridos no cenário da guerra, levou consigo um menino e uma menina. Sabe-se apenas que o menino ficou conhecido como Antônio Doutor, por ter sido criado pelo médico. O igualmente estudante de medicina na época, João de Souza Pondé, trouxe um menino. João acabou por tornar-se um conceituado médico baiano que transitou por São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador em sua vida profissional. No entanto, em sua biografia não existem referências sobre o menino canudense.²²⁰

Ainda segundo o professor Calasans, Góis Calmon, na época da guerra com 23 anos de idade, teria pego duas meninas canudenses. O professor não explica o que o futuro governador da Bahia, ou presidente da Bahia como se usava dizer naquele tempo, fazia no palco da guerra ou como as meninas teriam chegado até ele. Em uma afirmação *suis generis*, o professor revela ainda que a avó do Cabo Anselmo, personagem contraditório do período da ditadura militar no Brasil, seria uma das beatas seguidoras de Antônio Conselheiro. O cabo teria ditado suas memórias e dito que em Itaporanga d'Ajuda, município de Sergipe, sua cidade natal, em sua infância as pessoas comentavam que a avó tinha seguido o Conselheiro.²²¹

Quatro filhos do conselheirista Norberto das Baixas que sobreviveram à guerra foram distribuídos, dois ficaram com oficiais do exército e outros dois seguiram para Pombal onde ficaram sob os cuidados do juiz Dr. Manoel Martins de Almeida, filho do vigário de Tucano. Norberto das Baixas era um abastado comerciante em Bello Monte, tido como uma das principais lideranças entre os jagunços. Norberto e a mulher morreram durante a guerra assim como sete dos doze filhos que tiveram²²².

São muitas as crianças, muitos os destinos, muitas as histórias que pairam inacabadas, são peças soltas de um enorme quebra-cabeças que não é possível montar para saber qual o desenho que ele constrói. Nem sempre é possível juntar as pontas de uma existência, o começo e o fim de uma história como no caso de Melchíades e de Ludgero, as duas biografias que esse trabalho pode reconstruir. São muitas mais as Marias, Josefas, Honórias, Valerianas, os Vicentes e centenas

²²⁰ Cf. Marco Antônio VILLA; José Carlos da Costa PINHEIRO. Op. Cit.

²²¹ Cf. Idem. Ibidem.

²²² Cf. CALASANS. Op. Cit.

de outros meninos e meninas dos quais não sabemos sequer o prenome. Biografias perdidas ou, quem sabe, histórias que esperam para serem contadas.